

A Educação da Criança Indígena Terena: Da aprendizagem familiar a aprendizagem escolar¹

The Education of the Terena Indigenous Child: From family learning to school learning.

Marta Regina Brostolin

Docente da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco.
E-mail: brosto@ucdb.br

Evelyn Aline da Costa de Oliveira

Graduada em Pedagogia, aluna especial do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco.
E-mail: evelyn_alinedmais@hotmail.com

Desde muito antes da introdução da escola, instituição social de ensino formal e sistematizado, os povos indígenas vêm elaborando sistemas de pensamentos e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. Neste processo educacional, o povo Terena aprende e ensina seu mundo para as suas crianças. É nas relações sociais que são elaborados e expressos os novos conhecimentos e se faz essa reflexão sobre o mundo ao seu redor, ao mesmo tempo em que são vivenciados os processos de ensino-aprendizagem como fonte inesgotável de experiências (LIMA, 2008).

A criança indígena espera pacientemente o momento de ingressar na escola, momento em que terá de se desvincular do primeiro núcleo familiar para constituir um convívio mais extenso, mas nem por isso estranho, pois o docente

1 Texto comunicado no IV SEMINÁRIO POVOS INDÍGENAS E SUSTENTABILIDADE: SABERES TRADICIONAIS E FORMAÇÃO ACADÊMICA – 15 a 17 de agosto de 2011 – Universidade Católica Dom Bosco/Campo Grande/MS

com que terá contato não é para ela um desconhecido, e sim um parente, um tio, tia, primo, pai, alguém com quem possui pleno contato fora do ambiente escolar (LIMA, 2008). No entanto, ao iniciar a vida escolar, depara-se com conhecimentos, atividades e exigências muito diferentes e, que na maioria das vezes, não tem relação com o seu cotidiano, com seu universo infantil.

Se o aprender se inicia nas aprendizagens informais, na aprendizagem formal as condições são diferentes. A expectativa do adulto que convive na escola com a criança, é mais orientada pela norma padrão, mesmo sendo o professor um indígena. Neste contexto, a criança, ocupa geralmente uma posição menos singular, mais anônima e com menos possibilidade de autoria e a disponibilidade do professor de espera e de acolhimento, muitas vezes, é menor que a dos pais.

Frente às novas exigências de um aprender diferente da educação familiar recebida até então, muitas crianças apresentam dificuldades não conseguindo avançar em seu processo de escolarização. Neste contexto, o foco do estudo numa abordagem qualitativa descritiva pautada na etnografia centrou-se na Aldeia Buriti, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti, no Estado de Mato Grosso do Sul e teve por objetivo investigar os sentidos do aprender da criança Terena nos âmbitos familiar e escolar.

Identidade: a constituição do ethos Terena

A relação dos Terena com a sociedade nacional sempre foi intensa, desde o período anterior à Guerra do Paraguai (1865-70), fato que marcou a expansão definitiva da colonização das terras sul-mato-grossenses, onde tradicionalmente radicavam e radicam suas aldeias. Os Terena são falantes de uma língua pertencente ao tronco lingüístico Aruák e, atualmente, constituem o segundo contingente populacional indígena em Mato Grosso do Sul.

Neste universo, o povo Terena destaca-se de outros povos indígenas por apresentar um estilo perceptível até mesmo nos inúmeros envolvimento institucionais e pessoais com a sociedade nacional. A idéia é que os integrantes dessa população orientariam sua conduta social por um estilo comportamental com feições próprias, mesmo quando se relacionam intensa e permanentemente com instituições e pessoas alheias a sua formação social. Esses

princípios desempenhariam importante papel na orientação do sentido das inovações, adaptações, ressignificações, empréstimos e mobilidades culturais por que passou e passa a população Terena (PEREIRA, 2009).

O ethos Terena seria articulado a partir de uma concepção muito particular da condição humana, identificada a certos parâmetros de conduta pautada pela cortesia, cordialidade, amabilidade, sociabilidade, polidez, delicadeza, gentileza nos gestos e nas expressões, e preocupação extrema com etiquetas e cerimônias. Os Terena cultivam com dedicação e refinado interesse alguns atributos considerados imprescindíveis às figurações de seus troncos familiares e aldeias. Esses atributos dizem respeito a determinadas atitudes comportamentais e disposição para a sociabilidade.

A importância do domínio dos atributos comportamentais se evidencia nas oportunidades de ascensão política. Assim, muitos líderes políticos mais velhos se empenham em que alguns de seus parentes próximos mais jovens adquiram habilidade na manifestação dos códigos de conduta associados ao exercício da chefia. Para isto, procuram inseri-los gradativamente em funções nas quais possam exercitar atributos já adquiridos e aprender novos conhecimentos. Ao mesmo tempo, ficam de olho em seus concorrentes políticos, pois é importante não perder a oportunidade de evidenciar para a coletividade qualquer desvio de comportamento considerado inadequado.

Para Pereira (2009), a percepção de distinções quanto ao grau de deferência dispensado no tratamento às pessoas em contextos de efetuação das relações sociais permite aos líderes orientar suas condutas da maneira mais apropriada em cada circunstância. No cotidiano, isto se expressa nas formas de sociabilidade regidas por códigos sociais mais padronizados, como nas saudações, conversas e debates que normalmente têm lugar no espaço público, mas também nos contextos mais flexíveis das conversas informais e na convivialidade íntima das casas.

O cumprimento da etiqueta se apresenta como um procedimento que requer aprendizado e esforço de atualização constante. Nas aldeias Terena, sempre há receptividade para convocações de reuniões, discussões e debates, ocasiões que se afiguram como espaços de exercício performático para os líderes constituídos e para as lideranças em formação. As reuniões são também ocasiões para a coletividade (grupos e facções) testarem o grau de habilidade discursiva e comportamental de seus líderes.

O Terena se torna mais Terena à medida que amplia as possibilidades de atuação performática em distintos cenários sociais. A ampliação dos horizontes de atuação performática requer o aprendizado de sofisticados códigos de conduta. A postura, o gesto, o comportamento mais conveniente à cada situação, a escolha da palavra mais apropriada a ser dita em determinado contexto e, principalmente, o cuidado com a maneira como deve ser proferida são aspectos da conduta cuja importância a pessoa deve aprender a considerar desde o início de sua socialização (PEREIRA, 2009).

A obrigatoriedade de assumir o compromisso permanente com a civilidade e a etiqueta representa pesado ônus para as pessoas ou grupos de pessoas que ocupam as posições de prestígio e liderança. Em compensação, essas posições podem lhes conferir certas vantagens políticas e econômicas associadas ao maior reconhecimento social. Como consequência dessa estética comportamental, as figurações sociais Terena, consideradas em suas diversas escalas de amplitude – o tronco, a aldeia, a reserva ou uma rede articulada entre reservas –, serão marcadas pela constante preocupação dos líderes em monitorar as formas recíprocas de comportamento (PEREIRA, 2009).

O ethos Terena comporta distinções sociais bem definidas no que se refere à disposição hierárquica das pessoas, mesmo daquelas que não ocupam posição de liderança. A diferenciação na gradação do prestígio atribuído a cada posição atua como o ingrediente fundamental, articulando a vida social.

O casamento é um ritual que envolve o interesse de toda a comunidade. Isto é mais marcante no caso das pessoas pertencentes às famílias de maior importância social, havendo casos de casamentos marcados com muita antecedência, para dar tempo de providenciar todos os preparativos da festa e enviar convites para parentes que vivem em outras aldeias (SILVA, 1949).

A vida conjugal é objeto de regulações determinadas a partir do sistema de etiqueta e civilidade, ao qual já foram feitas várias menções. A maneira como o casal se comporta em público, seja no círculo mais restrito do tronco ou mesmo nas relações com a aldeia ou fora dela, deve seguir o complexo de convenções e decoro. O compromisso com essas representações é, em grande medida, uma imposição social à qual as pessoas se submetem, na maioria das vezes, sem expressar muita contrariedade (ou mesmo de forma inconsciente).

A atenção coletiva do tronco, da aldeia e em certo sentido de todos os membros da figuração social com os quais o casal se relaciona, gravita em torno de sua vida pública. Isto porque o comportamento externalizado pela família conjugal tem reflexos na imagem pública do tronco e mesmo da aldeia na qual está integrado. Na formação social Terena, a eleição do campo da etiqueta e da civilidade como instrumentos de construção de identidade, parece ter promovido uma importante distinção entre a esfera pública e a privada no espaço da vida conjugal (PEREIRA, 2009).

A civilidade como atributo constitutivo da etnicidade Terena se manifesta ainda na obrigatoriedade de amenidade no trato com as crianças, mulheres e pessoas não pertencentes ao grupo étnico, que porventura estejam com eles residindo em caráter temporário ou permanente. No caso das crianças, há o empenho de considerável volume de tempo e energia para inculcar princípios e disciplina suficientes para conduzir a percepção da adequação do próprio comportamento e do comportamento recíproco. Todo esse esforço visa promover a orientação da criança, fazendo com que incorpore as regras de convívio social Terena.

A educação da criança no âmbito familiar: aprendendo a ser Terena

O nascimento da criança Terena é aguardado com muita expectativa por toda a família. Vários cuidados são tomados nesse período para a gravidez ser saudável e tranquila. A alimentação da mãe é modificada, e alimentos mais saudáveis são inseridos nas refeições que são pensadas sempre para a saúde do bebê. A expectativa por esse nascimento é amenizada com superstições que são sempre feitas pela avó da criança. As mais utilizadas na aldeia é a da galinha e a do garfo.

Angelina Alcântara Mamedes, moradora da aldeia nos conta que:

A simpatia da galinha é feita pela avó da criança que mata a galinha e vê o lado para onde o pescoço vira, se for para o lado onde o sol nasce, a criança vai ser menino, se for para o outro lado será menina. A simpatia do garfo é feita pela avó também e ela tem que virar a ponta do garfo para cima e jogar no chão. Se a ponta cair para cima a criança vai ser menino e se cair para baixo vai ser menina.

No passado os rituais mágicos eram mais presentes na espera da criança. A mãe e o pai se mobilizavam para um jejum protetor e, se a criança por algum

motivo não fosse desejada, a mãe teria que dar a luz em um lugar afastado da casa da família com a ajuda de uma parteira, esta, sempre presente nos nascimentos das crianças Terena.

Após o nascimento os cuidados não diminuía. O nome era escolhido pelos avós e o cordão umbilical era guardado, pois segundo a sabedoria Terena, ele poderia ser um auxílio no nascimento de outra criança quando o parto fosse de risco. Logo após o nascimento o pai saía à procura do palmito de bocaiuva para a alimentação da mãe. Acredita-se que o palmito aumenta a quantidade de leite para a amamentação das crianças, que acontece até os cinco anos de idade (SILVA, 1949).

A criança sempre está nos espaços da aldeia e, até obter maior independência, fica ao lado da mãe, aprendendo as noções de etiqueta e civilidade, constituindo a identidade Terena. Esta identidade vai sendo construída em todos os momentos na vida da criança, é a família quem garante o conhecimento sobre a etnia e demonstra a importância dos ensinamentos que caracteriza os Terena.

Os ensinamentos que permeiam a Pedagogia Terena perpassam principalmente pelo âmbito familiar. É de responsabilidade do grupo familiar a apresentação de valores étnicos, como o respeito mútuo, a solidariedade. Na cultura Terena, a comunidade exerce papel fundamental na transmissão de saberes tradicionais, pois possui sabedoria para ser comunicada e transmitida por seus membros, que contribuem na formação da identidade de todos (LIMA, 2008).

A pedagogia Terena do “aprender fazendo” está intimamente ligada a forma de aprender das crianças. Cada espaço é explorado de maneira com que a ação e a experiência gere conhecimentos necessários para a aprendizagem. Nos afazeres de casa, nos preparativos das festas, nos cuidados com as crianças menores e, principalmente, nas brincadeiras, as crianças relacionam, observam, sentem, vivenciam e aprendem.

O aprender fazendo é a principal característica da educação Terena constituída de muita paciência, é através desse ato que o pai ensina o filho como deve proceder, de maneira detalhada, num vai e vem de repetições, dando condições a criança de obter a melhor aprendizagem. O tempo dos adultos dispensado para a criança indígena é muito valoroso, não existe pressa para terminar as atividades, e os adultos sempre estão dispostos a repetir o

que se está ensinando, por muitas e muitas vezes, até mesmo porque todas as atividades que devem ser aprendidas possuem uma aplicabilidade na vida diária: o cuidado com a criação, pegar a galinha para a refeição, colher milho, debulhar, separar a palha, descascar a mandioca, arrancar a mandioca. São atividades que se aprendem brincando diariamente (CRUZ, 2009).

A educação indígena Terena, de responsabilidade da comunidade como um todo é repassada através da oralidade, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração para geração. Uma das características deste processo educacional é a observação. Na aldeia não são ditas muitas palavras para ensinar ou aprender, o olhar é a principal manifestação do amplo código social através do qual acontece o processo educativo dos indivíduos (LIMA, 2008).

O brincar funciona como uma espécie de eixo na aprendizagem e manutenção da cultura. É na brincadeira que a criança põe em prática o conhecimento sobre civildade e etiqueta citado acima. O senso do respeito e do cuidar do outro é tão presente, que mesmo em uma brincadeira que há disputa, todos se voltam para um que necessite de ajuda. As meninas e os meninos brincam juntos e não há separação por idade. Os menores, mesmo que com maior dificuldade para acompanhar os maiores, brincam das mesmas brincadeiras e participam por igual das atividades que são sempre combinadas previamente por todos os participantes. As brincadeiras mais presentes no cotidiano das crianças é o futebol, pega-pega, esconde-esconde, brincadeira da flor e vôlei.

As crianças participam ativamente de todos os eventos festivos que ocorrem na aldeia. Nas festas de São Sebastião e de Nossa Senhora Aparecida, as crianças ajudam na confecção dos enfeites e nos demais preparativos necessários para a realização da festa. No dia do Índio, outra festividade comemorada na aldeia com a presença de autoridades, as crianças apresentam as danças do Bate-Pau, dançada somente pelos meninos e da Siputrema, dançada somente pelas meninas. Na preparação destas festas a euforia é sempre constante e evidente.



Figura 01 - Meninos Terena na dança do Bate-Pau

Fonte: arquivo pessoal do autor.



Figura 02 - Meninas Terena na dança da Siputrema

Fonte: arquivo pessoal do autor

Da educação familiar a escolar: os sentidos do aprender da criança Terena

O movimento para a instalação de uma escola na aldeia começou em 1887 com duas famílias – Figueiredo e Bernardo, e também, o índio Kaiowá Ubiratan. Após a autorização concedida no Rio de Janeiro em 1888, a primeira sala de aula foi construída com palha de bacuri e parede de pau-a-pique.

Em 1910, sob a vigência do Serviço de Proteção ao Índio – SPI, uma nova sala de aula foi construída e a esposa do chefe de posto é quem ministrava as aulas para os índios. As condições eram precárias e a cultura não era respeitada. Em 1954, o primeiro professor indígena da etnia Terena, Armando Gabriel, assume as aulas. Em 1982, há necessidade em construir mais uma sala de aula, tendo o município de Anastácio como mantenedor. Em 1992, o município de Dois Irmãos do Buriti assume a responsabilidade de manter as salas de 1ª e 2ª séries e as de 3ª e 4ª séries ficam sob responsabilidade da FUNAI.

Em 1997, as salas, antes mantidas pela FUNAI, passam a ser responsabilidade do município de Dois Irmãos do Buriti e, no ano seguinte, tornam-se extensão da escola Antonio Castilho. Em 2002, a Secretaria de Educação Municipal atendeu as reivindicações dos pais e cria a Escola Pólo Municipal Alexina Rosa de Figueiredo.

Hoje, a escola possui uma estrutura de alvenaria com nove salas de aula, um laboratório de informática, uma sala de professores, uma secretaria, três banheiros, uma cozinha, uma oca para reuniões e refeição, uma biblioteca e uma quadra de esportes. Possui água encanada, energia elétrica e sistema de transporte coletivo. A escola recebe as crianças, adolescentes e jovens Terena da Aldeia Buriti e imediações, atendendo em três turnos estudantes matriculados no Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos – EJA e curso Pré-vestibular.



Figura 03 - Biblioteca da E. M. Alexina Rosa de Figueiredo.

Fonte: arquivo pessoal do autor



Figura 04 - Vista lateral da escola.

Fonte: arquivo pessoal do autor.

Quando a criança Terena obtém idade escolar, ela começa a ter novas responsabilidades e perspectivas. A partir desse momento, as brincadeiras ficarão em segundo plano, sua dedicação as atividades escolares deverá ser prioridade e a ausência da mãe por algumas horas será sentida. Por mais que a educação familiar ensine a autonomia, todas as crianças que iniciam o processo de escolarização sentem mudanças. Obviamente, essas mudanças se manifestam de maneiras diferentes. Algumas crianças ficam retraídas, outras mais falantes, ou ainda, outras começam a apresentar dificuldades de aprendizagem nessa primeira fase da escolarização.

Apesar da nomenclatura de “Escola Indígena” ser representada em alguns aspectos da educação escolar, a instituição ainda enfrenta dificuldades para concretizar uma educação diferenciada, respeitando-se as particularidades que a Constituição Federal de 1988 e legislação posterior assegura para o processo de ensino-aprendizagem em uma escola indígena.

As mudanças necessárias ficam ainda mais difíceis com a resistência das Secretarias de Educação, pois, interferem nas tomadas de decisões e impedem que o ensino ocorra de acordo com a realidade, os princípios e objetivos da escola indígena. Isso acontece devido a visão de currículo monocultural, no qual o aluno recebe informações e não é levado em consideração as aprendizagens já adquiridas na vivência com a família e comunidade.

Mangolin (1999) discute que a escola indígena foi ou ainda é gerida fora do contexto, imposta e estranha ao índio. Mas, pode se transformar em um lugar de articulação de informação, práticas pedagógicas e reflexões destes povos sobre seus passados e futuros servindo de orientação do seu lugar no mundo globalizado. Veiga (2003, p.7) confirma essa idéia ao dizer que “a Pedagogia moderna parece não poder se esquivar do compromisso de combinar e conciliar o passado com o futuro”. Nesta perspectiva, a educação escolar poderia potencializar e abrir reais possibilidades de vida, o que considera como processo de construção do conhecimento intercultural, propiciando o diálogo entre a educação indígena e a educação escolar formal.

A construção desta escola só pode ser pensada com a participação da comunidade, numa visão de um empreendimento coletivo. Entretanto, como fomentar este diálogo se temos muito a conhecer sobre o paradigma indígena? Neste sentido, urge o conhecimento e a valorização do processo histórico

educativo vivido nas famílias e na comunidade estabelecendo o intercâmbio entre os saberes tradicionais e os novos conhecimentos.

Algumas parcerias estão sendo mantidas com instituições de nível superior para auxiliar a escola na concretização de sua proposta pedagógica diferenciada. Um exemplo é o projeto de pesquisa que envolveu os professores da escola e comunidade da Aldeia Buriti e pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O trabalho visou levantar por meio da memória histórica, os saberes locais e construir um material didático bilíngüe. Este retrata a etnia Terena com uma linguagem didática e significativa para a aprendizagem das crianças. Há vários textos sobre religião, festas, trajetória histórica, usos e costumes. A revitalização da língua materna é um dos desafios enfrentados pela escola e comunidade.

A criança Terena aprende na educação familiar vivenciando com intensidade as experiências no cotidiano. De acordo com Rubenstein (2003), os conhecimentos já adquiridos pelos alunos podem e devem ser um caminho a ser seguido para o ensino. O aluno não vai para a escola como uma folha de papel em branco, pelo contrário, ele já possui um estilo para aprender e conhecimentos antes mesmo de ter contato com o ensino escolar. O professor deve usar esses recursos para uma aula atrativa e significativa.

Atualmente, o processo de ensino para o professor e de aprendizagem para o aluno está exercendo mudanças significativas no trabalho de ambos. Para o aluno é difícil aprender a complexidade de informações em pouco tempo e, para o professor, é difícil ensinar para tantos alunos respeitando o estilo de aprendizagem de cada um, portanto, a maneira como o professor ensina influencia evidentemente na maneira de aprender do aluno.

Considerações finais

Os estudos realizados juntos aos Terena, demonstram que estes aprendem com enfoque na experiência direta, na percepção dos detalhes, de fatos concretos, no ver, ouvir, tocar e fazer. Esse jeito de aprender e ser representa muito bem a cultura Terena e seu modo de vida, onde os sentidos do saber indígena são um importante referente de memória e identidade comunitária.

Sua cosmovisão, seu pensamento e a convivência refletem de múltiplas maneiras o sentido ético de convivência com a mãe terra.

Esse jeito de aprender e ser são percebidos atualmente por meio da forma como lidam eficientemente com as emergências e crises, adaptando-se as diversas situações impostas pela sociedade do entorno e garantindo desta forma seu ethos Terena, ou seja, seu estilo moral e estético, sua atitude ante a si mesmo e diante do mundo que a vida reflete (PEREIRA, 2009).

A criança Terena possui um modo particular de aprender que está intimamente ligada a educação concebida em casa. Antes da escolarização, as ações das crianças indígenas estão vinculadas às relações culturais estabelecidas em sua comunidade, pois uma das características significativas da experiência educativa indígena está na interação entre pessoa que aprende e a que ensina na comunidade (MUÑOZ, 2003).

No entanto, ao iniciar a vida escolar, outros conhecimentos são aprendidos muitas vezes sem o respeito a sua identidade, cultura e estilo de aprender. Para compreender o processo de aprendizagem do aluno é importante compreendê-lo no contexto sociocultural, é útil analisar o funcionamento da instituição escolar nos aspectos que influenciam direta ou indiretamente na aprendizagem ou contribuem para a construção de sua auto-imagem.

A escola indígena em sua busca pela educação intercultural deve olhar por novos ângulos, já que as transformações estão muito rápidas e influenciam profundamente a origem do saber, do conhecimento, os modos de vida e o próprio jeito de ser que não são mais sólidos e estáticos.

Delinear uma escola como lugar de encontro das diferenças culturais e de identidades exigirá mais dinamismo entre os sujeitos que ali se encontram mediados por constantes reflexões dos discursos e valores que envolvem e norteiam o processo educativo. Nesta perspectiva, a escola pode ser um espaço para reflexão e discussão da desigualdade, é nela que se produz e reproduz os discursos da cultura e que se destacam os aspectos e percepções das identidades étnico-culturais.

Nesse enfoque, a educação escolar pode se propor a criar esta ponte entre a criança indígena e a aprendizagem para que a mesma possa se encontrar com mais dignidade e capacidade no mundo globalizado, desfrutando de seus

direitos e deveres como cidadã, superando suas dependências, constituindo-se protagonista para buscar seu desenvolvimento e emancipação social.

Resumo: Este texto apresenta e discute a educação da criança Terena partindo de uma aprendizagem que inicia no âmbito familiar com características próprias da Pedagogia e constituição do ethos Terena e a inserção no contexto escolar. A pesquisa de abordagem qualitativa descritiva fundamentou-se na etnografia por meio de autores que estudam a etnia e o campo empírico focalizou a Aldeia Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul. Os dados coletados evidenciam que o Terena aprende e ensina seu mundo para as suas crianças. É nas relações sociais que são elaborados e expressos os novos conhecimentos e se faz essa reflexão sobre o mundo ao seu redor, ao mesmo tempo em que são vivenciados os processos de ensino-aprendizagem como fonte inesgotável de experiências. A criança Terena possui um modo particular de aprender que está intimamente ligada a educação concebida em casa. Antes da escolarização, as ações das crianças indígenas estão vinculadas às relações culturais estabelecidas em sua comunidade, pois uma das características significativas da experiência educativa indígena está na interação entre a pessoa que aprende e a que ensina na comunidade. A criança indígena espera pacientemente o momento de ingressar na escola, momento em que terá de se desvincular do primeiro núcleo familiar para constituir um convívio mais extenso, mas nem por isso estranho, pois o docente com quem terá contato não é para ela um desconhecido. No entanto, ao iniciar a vida escolar, depara-se com conhecimentos, atividades e exigências muito diferentes e, que na maioria das vezes, não tem relação com o seu cotidiano, com seu universo infantil.

Palavras-chave: Criança; aprendizagem; educação indígena e educação escolar;

Abstract: This paper presents and discusses the Terena child's education which begins inside the family with their own pedagogical characteristics and the constitution of their ethos and their subsequent insertion into the school context. The descriptive qualitative approach of research is based on the ethnography of authors investigating the Terena ethnicity. The empirical field focused on is a village called Buriti in the municipality of "Dois Irmãos do Buriti", in the state of Mato Grosso do Sul. The data show that the Terena people learn and teach their world to their children. It is in the social relationships that the new knowledge is developed and expressed and thus a reflection on the surrounding world is made while the teaching learning process occurs as an inexhaustible source of experience. The Terena child has their own particular way of learning which is closely linked to the education provided at home. Before attending school, the indigenous children's actions are connected to their cultural relations established in their community because one of the most meaningful features of indigenous educational experience is in the interaction between the person who learns and the other who teaches in the community. The Indigenous child waits patiently for the moment of going to school, the moment in which he will separate from the first family nucleus and have a more intensive living experience but nevertheless not strange, as the teacher with whom he will have contact is not a stranger to him. Even so, when the child starts school life, he experiences knowledge, activities and demands which are very different and in most cases, unrelated to his daily life, his infantile world.

Keywords: Child, learning; indigenous education and schooling.

Referências

- CRUZ, Simone de Figueiredo. **A criança Terena: o diálogo entre a Educação indígena e a Educação escolar na aldeia Buriti**. 191p. Dissertação (Mestrado em Educação). UCDB, 2009.
- LIMA, Eliane Gonçalves de. **A pedagogia Terena e a criança do PIN Nioaque: as relações entre família, comunidade e escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). UCDB, 2008.
- MANGOLIM, O. **Da escola que o branco faz à escola que o índio necessita e quer: uma educação indígena de qualidade**. Campo Grande:UCDB, 1999.
- MUÑOZ, Maritza Gómez. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, Henrique. **A complexidade Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003, p.282-323.
- PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica**. Dourados – MS: Editora da UFGD. 170 p. 2009.
- RUBINSTEIN, Edite. **O estilo de Aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003
- SILVA, Fernando Altenfelder. Mudança cultural dos Terena. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, 1949.
- VEIGA (Org.). **Escola indígena: identidade, étnica e autonomia**. Campinas, SP: ALB, 2003.
- _____, Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.23, p. 5-15, 2003.

Recebido em 18/09/2012

Aprovado em 20/10/2012